


PARADÍGMAS DA CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NO NOSSO TEMPO: JÁ SUPERAMOS?

 <https://doi.org/10.56238/arev6n2-094>

Data de submissão: 10/09/2024

Data de publicação: 10/10/2024

Welson Barbosa Santos

Doutor em Educação
Universidade Federal de Uberlândia
E-mail: welson.santos@ufu.br
ORCID: orcid.org/0000-0002-6118-2296/
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/8599430884006372>

Thomas Magno Barbosa de Souza

Mestrado em Administração Pública
Universidade Federal de Goiás
E-mail: thomassousa@ufg.br
ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8483-6190>
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3769368012290183>

Paulo Eduardo Azevedo Silva

Graduação em Biologia
Universidade Federal de Uberlândia
E-mail: Paulo.azevedo@ufu.br
ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7835-9561>
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/8509360311922531>

Ana Clara Araújo Teixeira

Graduação em Biologia
Universidade Federal de Uberlândia
E-mail: ana.ateixeira1@ufu.br
ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-5010-2105>
LATTES: <https://lattes.cnpq.br/1062183884271234>

Amanda Andrade Pedro

Graduação Biologia
Universidade Federal de Uberlândia
E-mail: amanda.pedro@ufu.br
ORCID: orcid.org/0000-0002-6118-2296/
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2052882073894079>

RESUMO

O presente artigo propõe um debate sobre as questões de identidade de gênero, com foco principal na masculinidade no século XXI. Indo em direção a uma perspectiva que não se limita à sexualidade, explora-se o conceito de masculinidade hegemônica, influenciado por diversos campos teóricos, como estudos culturais, sociológicos e psicanalíticos. A metodologia adotada envolve a escrita de si e a recordação de experiências pessoais, destacando a importância dessa reflexão sobre as subjetividades

na formação de futuros professores. Os resultados e discussões abordam a influência do patriarcado e a construção histórica da masculinidade, bem como suas manifestações hegemônicas em diversos contextos sociais, como educação, trabalho e saúde. Conclui-se que a masculinidade hegemônica perpetua a dominação masculina sobre as mulheres e sobre homens não normativos, mas sua definição e prática são complexas e variadas, sendo importante considerar as particularidades individuais e contextuais na análise das identidades masculinas.

Palavras-chave: Masculinidades Hegemônica. Gênero. Sociedade. Discursos.

1 INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo abordar um debate sobre questões de identidade de gênero, no campo da masculinidade. O principal desafio é expor os conflitos que ocorrem em torno do entendimento e da expectativa para o homem no século XXI, indo além das questões de sexualidade, o sujeito a ser reconhecido como masculino. Partimos do pressuposto de que ser homem envolve, para além das questões de desejo, nas perspectivas e expectativas da normatividade. São heranças de um patriarcado arcaico, ultrapassado, mas ainda presente no imaginário das pessoas. Diante desse obstáculo, tomamos como caminho para esta discussão, fundamentos que partem de histórias de si.

No campo da localização e base epistemológica para essa escrita, Rosa Maria Fischer (2021) é uma de nossas principais referências. Como escrita, a mesma tem como referência debates que discutem a masculinidade, suas diversidades e reconhece-a como um campo epistemológico ajustado aos estudos culturais. Tal localização permite reconhecer os sujeitos, sua subjetividade e seus enfrentamentos. Como referência central, temos os estudos de Connell; Wood (2005); Connell (2013); Santos (2016); Santos et al (2018); Santos et al (2019) e Santos et al (2023), autores que se debruçam sobre o tema e o consideram um campo importante a ser discutido no nosso tempo, por conta do processo de vulnerabilização que desencadeiam em nossa sociedade, colocando certos grupos até em risco de suicídio.

Ao buscarmos sentido nessa introdução ao que se entende, no nosso tempo, como masculinidades, vale considerar que masculinidade é termo que não alcança o sentido amplo. Isso porque não se trata de uma e sim de diferentes masculinidades que interagem umas com as outras (SANTOS, 2016). Ao ampliar a discussão, Connell (1995) afirma existir nos grupos sociais padrões específicos de masculinidades, umas mais respeitadas que outras, e a palavra usada a esse tipo padrão de masculinidade é hegemônica. A autora ainda reforça que as masculinidades estão, por todo tempo, em processo de construção em cada sujeito, em cada local e grupo social. Nisso, a produção de um tipo particular de masculinidade tida como exemplar requer lutas políticas e, conseqüentemente, a derrota de outras masculinidades consideradas alternativas ou subalternas. A autora vai além e faz o seguinte delineamento:

Deixem-me oferecer uma definição – breve, mas razoavelmente precisa. A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens nas estruturadas relações de gênero. Existe normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de “masculinidades” (CONNELL, 1995, p.188).

Referenciados na autora, sabemos que a masculinidade não é singular, portanto, é plural, sempre inserida numa perspectiva de gênero e no contexto social em que é construída. A pesquisadora vai além, afirma ser as masculinidades muito mais ampla que simples definições dadas pelo campo biológico. É complexa, não natural, envolve economia, estado, família e sexualidade, dentre outros. Ainda, a mudança do termo masculinidade para masculinidades confirmou o enraizamento cultural do gênero e trouxe ao debate sua imersão em relações de poder e as dinâmicas biopolítica da sociedade. Um debate indispensável a formação de professores no nosso tempo.

Assim, buscando localizar, um pouco, a procedência dessa discussão aqui apresentada, ela procede de um trabalho desenvolvido em uma graduação de um curso de licenciatura em uma Universidade Pública Federal, localizada no Triângulo mineiro - MG. As disciplinas ocorrem durante três semestres da formação inicial, e ao longo desse período, permitem uma reflexão e uma reavaliação da identidade que se constrói a partir da família e até mesmo do processo escolar em que somos submetidos desde muito cedo. Visando formar futuros professores, o movimento é para que consigam refletir sobre as subjetividades que trazem acumuladas ao longo dos anos, no fortalecimento do que são, do que podem se tornar e como transformar todo esse aparato em uma ferramenta para uma identidade docente mais reflexiva, baseando-se em uma escrita pessoal.

2 METODOLOGIA

Reforçando, este trabalho parte de um conjunto de memoriais, produzidos em uma disciplina obrigatória, de uma licenciatura de biologia. No contexto, os estudantes são chamados a buscar, nas suas memórias, experiências significativas. Em dado momento, transformam esse exercício em escrita. Alguns desses estudantes compõem o Grupo de Pesquisa Educação, Masculinidade, Cultura e Subjetividades - GPEMCS e suas escritas nos balizam em debates acadêmicos, a partir de suas próprias narrativas – os memoriais.

Enquanto discussão acadêmica, ela está centrada na escrita sensível, desafiada a “produzir no leitor a empatia, a vibração, a inquietação. Isso porque raros são os casos de pesquisas que se mostram com essa vitalidade, como carne viva, espinhos em nossa carne.” (FISCHER, 2021, p. 3). Direcionados pela autora, percebemos que dentre outros, esta peculiaridade é bem possível em pesquisas que tem como foco a subjetividade, que estejam ajustadas as demandas das ciências humanas e, por ser assim, está no campo das pesquisas qualitativas. Nesse caminho, o foco é a escrita pessoal, um traço muito comum na educação a partir das tecituras dos memoriais.

Sobre seu valor, ele nos remete à forma como usamos essa escrita e a expressão que ela nos permite, no exercício da nossa própria memória. Trata-se de um movimento que evoca essa memória,

a memorização daqueles discursos que nos alcançaram e nos atravessaram, como salienta Foucault (2011). São como fios condutores de valor, na composição do sujeito, na centralidade do universo pessoal e, facilmente percebidos, na subjetividade das histórias de si. Ellis (2004, p. 12) nos mostra que este exercício da memória é uma ferramenta importante e pode “[...] ser usado na investigação e na escrita, já que tem como proposta, descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural”. Mas como melhor perceber o que são memoriais? Na busca por encaminhar uma resposta, podemos considerar que:

Vivemos em um mar de histórias, e como os peixes que (de acordo com o provérbio) são os últimos a enxergar a água, temos nossas próprias dificuldades em compreender o que significa nadar em histórias. Não que não tenhamos competência em criar nossos relatos narrativos da realidade – longe disso, somos, isso sim, demasiadamente versados. Nosso problema, ao contrário, é tomar consciência do que fazemos facilmente de forma automática.’ (Bruner, 2001:140)

Quase poeticamente, essa é uma forma clara de se descrever o que é ou como compreender ou definir um memorial. Trata-se de uma memória que, mesmo distorcida ou nebulosa, do que está presente em nossas identidades e histórias de vida, que nos permite entendimentos, por nos levar a revisitação dos contextos culturais em que em algum momento estávamos. Brito (2010) nos orienta que as memórias das experiências são pilares que ajudam a lapidar um melhor olhar para o futuro e, uma vez frequentemente visitadas, fortalecem nossas identidades, orientando sobre quem somos, de onde viemos e por que somos como somos. Seria como um movimento indispensável para uma escrita acadêmica que pretende ser percebida como genuína e autêntica. O autor pontua que:

[...] o desenvolvimento tanto da consciência sobre as experiências vivenciadas, quanto o autoconhecimento situando o narrador como sujeito de sua própria história [...]. Com essa compreensão, percebemos que a narrativa possibilita a reconstituição de processos históricos e socioculturais vivenciados nos diferentes contextos [...] (BRITO, 2010, p. 55).

Nesse caminho de entendimento, embora pareça um desafio complexo, Fischer (2021) propõe a valorização e a centralidade dos processos criativos nas diversas configurações que a memória permite construir. A autora nos chama a atenção para considerarmos os detalhes de nossas lembranças, a fim de permitir o surgimento de um sentido, olhares sensíveis e demorados, que envolvam nossas histórias. Mas como caminhar nessa direção? Diante de tal empreitada, o desafio é trazer nossas verdades, no sentido Foucault (2007), dado a verdade. O confessar a nós mesmos e as nossas escritas

reflexivas em forma de memorial, sendo esta uma boa ferramenta e exercício.

Inspirados nos autores citados, o desafio foi de conectar teoria e prática, vida e pensamento, trabalho e movimento, sem deixar escapar aquele momento fugaz, não deixando de indagar, adentrar em um momento de travessia, buscar argumentos informações em nós mesmos e, ao mesmo tempo, desenhar as possibilidades de pensamento que nossas memórias nos ofereçam, reinventando o caminho, se necessário, aprendendo e fortalecendo-nos nas rotas de fuga que Foucault (2007) descreve.

Vale considerar que, quando consideramos a importância de uma escrita sensível que envolve histórias autênticas, nosso contexto atual tem valorizado essa sensibilidade como uma marca emergente de futuros pesquisadores. Um traço que pode e precisa ser desenvolvido desde a graduação, a partir desses modos de criação como os memoriais, percebendo a diversidade e a complexidade do mundo percebida pelo olhar pessoal, sem deixar de ser interessante para quem olha ou o que se olha. Quanto ao movimento em questão, ele é válido porque:

Tal método operaria por fragmentos e intensidades, sem abandonar o horizonte de algo mais amplo – o que significaria construir provisórias totalidades, marcadas às vezes por mínimos acontecimentos, nem sempre claramente visíveis. Um método ao qual interessam bem mais os acontecimentos excepcionais, raros, desviantes, e não os grandes fatos que, a rigor, se mostram visivelmente assemelhados a tantos outros. (FISCHER, 2021, p. 11)

Trata-se de um movimento, que é também um método de escrita que Castejon (2023) sinaliza como éticas e estéticas, que nos aproxima do ser humano que somos e do outro que é. Coloca-nos em primeiro plano para acompanhar e compreender as motivações e sofrimentos que cada um de nós vivenciamos. Seria um movimento de analisar discursos e aceitar a singularidade das coisas ditas, salienta Santos (2016). Isso implica em uma atitude diante da vida, na perspectiva ética e política, e intelectual. É um movimento de fortalecimento e consciência de que existe uma identidade, e que pensar sobre mim e os outros é sempre navegar em meio a diferenças, reconhecê-las e aprender a conviver com elas.

Uma vez diante dos memoriais dos estudantes, percebemos neles, depoimentos, documentos, narrativas cheias de histórias e personalidades. A lente usada diante deles são alguns dos princípios da análise do discurso, de linha francesa, bem discutida por Foucault (2011). Nesse caminho, buscamos a correlação entre discurso e história. Em tal campo, Fischer (2015) esclarece que:

Analisar discursos com Foucault, significa aceitar a raridade das coisas ditas (ou dos enunciados), trata-se certamente de uma espécie de atitude diante da vida, uma atitude ética e

política, e também intelectual, pela qual assumimos que não há uma identidade entre nós mesmos e aquilo que investigamos, e que pensar é sempre navegar em meio a diferenças. (FISCHER, 2015, p. 126)

Assim, foram tomadas por unidade de análise sequências discursivas – recortes e excertos dos memoriais produzidos pelos licenciandos em formação. Nesse caminho, Santos (2000) esclarece desafios cabíveis nesse movimento de análise. Para o autor, é valoroso se estar atento as:

Evidências significativas, observadas no cenário de pesquisa, que surgem a partir de uma análise preliminar dos registros coletados. Essas evidências aparecem como dados a partir de elementos muitas vezes não previstos no projeto inicial, mas que se revelam na escansão do corpus. Assim, emoldura-se com mais clareza o tópico a ser investigado, oferecendo uma maior consistência às hipóteses definidas para a pesquisa (SANTOS, 2000, p 231).

À luz dessas balizas, a partir das regularidades nas escritas, se buscou os sentidos nos discurso, com o objetivo de perceber em que medida a sociedade, instituições de formação como a escola e mesmo a família, tem se proposto ajustar corpos e identidades, contribuindo para o agravamento, a complexidade e a dor de um viver que não se acomoda ao que se espera do corpo e da identidade do outro.

3 RESULTADOS

Um considerado resultado que as pesquisas nesse campo vêm apresentando e que este trabalho confirma, é que se trata de um equívoco validar a hierarquia das masculinidades construídas no seio das relações de gênero como um contínuo simples ligado a subordinação patriarcal das mulheres. Isso porque as identidades de gênero dos homens não refletem as práticas relacionadas com a igualdade, como o fazem com aquelas relacionadas à violência. Além disso, devemos considerar a instauração das desigualdades de gênero, o papel das construções culturais incluindo as ações combinadas das dinâmicas de gênero com a raça, a classe e a região. Inclusive, tais afirmações encontram respaldo no trabalho de Connell; Messerschmidt, (2013). Por ser assim, como resultado, nesse ambiente, a masculinidade hegemônica pode se tornar sinônimo de um modelo de homem rígido, dominador, sexista e “macho” nos permitindo melhor entender o campo de violência em que se envolvem com seu próprio corpo, com o corpo do outro e o corpo da mulher.

4 DISCUSSÃO

Acho que desde sempre e que me entendo por gente, os desafios de ser homem são coisas que me perseguiram mas, que nunca quis me debruçar. Eu nunca conseguir pensar muito sobre e preferi ir guardando memórias e acontecimentos ruins cada vez mais no meu inconsciente. Nem sei se foi o que preferi, mas foi o que aconteceu. Por isso afirmo que em minha experiência de vida, não ser o homem que esperam de mim doeu e dói pelo medo de ser julgado, de ser excluído. Isso é algo que rolou desde sempre na escola, de receber olhares de outras crianças que estudavam comigo. Sem falar no medo de decepcionar meus pais e familiares. A sociedade sempre colocou em minha cabeça que não ter o jeitão macho esperado era errado, que era motivo de piada e chacota. Não acho que houve uma coisa mais específica que me fez sofrer, sofri com um conjunto de coisas que aconteciam comigo no dia a dia, a insegurança e o medo de ser quem eu sou. Me sinto afetado até hoje com o bullying que eu sofria na escola, uma vez vindo de um específico de meninos, falaram que iam me bater só por eu ser homem, foram ameaças que me faziam ter medo todos os dias, medo de ir para escola e sair de casa, medo de sofrer e ser zombado. Hoje em dia ainda sinto que as pessoas estão me julgando, que ainda sou motivo de chacota por qualquer motivo. Essa é a pergunta mais difícil de responder, a de se sofri ou não ou o que me fez mais sofrer. Tiveram vários dias que eu me perguntei se minha vida seria mais fácil se eu fosse diferente, igual os outros meninos. Houve vezes que meu maior desejo era ser outra pessoa. Após pensar sobre tudo que passei e quem me tornei, acredito que não, não quero ser outra pessoa, mas esse processo de aceitação é difícil demais, muito doloroso mesmo.

Como um texto que se propõe discutir as masculinidades, o relato inicial, apresentado como epígrafe, nos diz como tem sido o processo de construção da masculinidade no nosso tempo. Ao considerar o fragmento “*guardando memórias e acontecimentos ruins cada vez*” temos uma noção do complexo processo de dor ou mesmo de sentimentos de inferioridade que a relação social desencadeia diante das diferentes masculinidades que não atendam o esperado. Nesse mesmo sentido, considerar “*Houve vezes que meu maior desejo era ser outra pessoa*” nos chama ao lugar da responsabilidade para com as gerações em formação, a forma como a escola ocupa o lugar de agente e dispositivo de controle às identidades esperadas e como precisa ser repensada. Trata-se de um aparato organizado e centrado na produção de corpos e identidades esperadas, o padrão hegemônico de masculinidade. Para Santos (2016), há uma disciplina sobre o corpo, vida da família, alavancada pela escola, com total apoio da sociedade. Para o Autor:

Percebe-se que o comum é que, em meio aos processos de disciplinarização, sejam edificadas resistências e rotas de fuga, consequência de sua enorme capacidade de escapar. A suposição

é de que há circunstâncias em que os sufocamentos exercidos pelos mecanismos disciplinares, impossibilitem edificação de tais rotas, viabilizando a instalação de violência. E teríamos, assim, o suicídio como um caminho ou ponto final daqueles que não conseguem ajustar-se ao normativo ou adaptarem-se às rotas de fuga (SANTOS, 2016, p. 78).

Dentro do que se descreve, o esperado é uma masculinidade padrão, chamada de hegemônica. A definição do termo na concepção hegemônica, conforme afirmado por Connell (1995), foi formulada no final do século passado e influenciou o pensamento atual sobre homens e gênero. Connell (2019) nos chama a atenção para a aplicabilidade do tema, que variam desde a educação e o trabalho que militam contra a violências entre homens e contra mulheres, até saúde e aconselhamento. historicamente, para Connell e Messerschmidt (2013), ao longo dos anos 1970, houve uma expansão de trabalhos sobre o papel masculino, que critica normas sobre papéis que fortalecem o comportamento opressor dos homens. Isso forneceu uma base conceitual para os movimentos de homens antissexistas. Outra questão refere-se ao poder e a diferença, centrais no movimento de liberação gay, a partir dos quais se desenvolveu uma análise da opressão do homem pelo outro homem.

Santos et al (2018) vai nos mostrar que esse campo de violência é facilmente identificável quando se observa o homem não normativo, o qual não atende à rigidez da conduta masculina esperada e o risco social que o mesmo é submetido, incluindo risco de violência pública e o recorte de narrativa inicialmente inserido confirma isso. O breve recorte de fala nos leva a perceber como os processos de construção dessas masculinidades ocorrem desde a família e como podem trazer marcas subjetivas a essas identidades masculinas no futuro. O fragmento narra:

No início da minha adolescência apresentei uma certa dificuldade nas atividades escolares, e ao pedir ajuda aos meus pais durante os deveres de casa, eu sempre acabava chorando por não entender o que me era ensinado. Muitas vezes tive que escutar coisas do tipo 'Vira homem', levando-me a entender que, por eu ser homem, não poderia chorar ou expressar meus sentimentos, acredito que isso tenha contribuído para me tornar a pessoa que sou hoje, pois tenho bastante dificuldade em falar sobre o que sinto e o que me incomoda. Mas apesar de tudo vejo que eles não falavam isso por mal ou porque queriam me ofender de alguma forma, mas sim por terem sido criados nesse padrão e acabavam passando isso adiante.

A partir do fragmento inserido, Foucault (2007) nos permite perceber que a questão da liberação gay está ligada a um ataque aos estereótipos de gênero que ignora a historicidade e lugar dessas normas. O fragmento "*Muitas vezes tive que escutar coisas do tipo 'Vira homem'*" é importante para o entendimento dessas dinâmicas. A ideia de uma hierarquia das masculinidades surgiu

diretamente da experiência de homens homossexuais com a violência e com o preconceito por parte dos homens heterossexuais, o masculino convencional.

Nesse campo de saber e entendimento, teóricos tem desenvolvido contribuições cada vez mais sofisticadas sobre as relações ambivalentes entre homens gays e o patriarcado, em relação com à masculinidade convencional. Connell; Wood (2005) sinaliza que uma fonte igualmente importante foi a pesquisa social empírica. Nesse sentido:

Um corpus em crescimento de estudos de campo estava documentando hierarquias locais de gênero e culturas locais de masculinidades nas escolas, em locais de trabalho dominados por homens e em comunidades populares. Esses estudos acrescentaram o realismo etnográfico de que a literatura de papéis sexuais carecia, confirmando a pluralidade de masculinidades e as complexidades da construção do gênero para os homens, e trazendo evidências à luta ativa pela dominância, que é implícita ao conceito gramsciano de hegemonia (CANNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 28).

Nesse mesmo campo, podemos afirmar que o conceito também foi influenciado pela psicanálise. Freud foi responsável por produzir a primeira análise de biografias de homens, que foi retratada no livro “Homem dos Lobos”. O livro mostra como a personalidade adulta era um sistema sob pressão, com tensões reprimidas, mas não eliminadas. A psicanálise foi responsável por popularizar o conceito de “identidade de gênero” e esquematizar suas variações no desenvolvimento de adolescentes do sexo masculino, sendo as mais conhecidas aquelas que envolvem o transexualismo. Outros autores influenciados pela psicanálise dedicaram-se a pesquisar o poder dos homens, nas diversas possibilidades de desenvolvimento do conceito de gênero e das tensões e contradições entre as masculinidades convencionais existentes e a fragilidade que tais movimentos desencadeiam. Nessa circunstância, consideremos fragmentos do recorte inserido que descreve tal demanda como *“tenho bastante dificuldade em falar sobre o que sinto e o que me incomoda”*.

Além do que já foi apresentado, historicamente podemos observar que as pesquisas realizadas pelos psicanalistas foram análogas, em termos de gênero, às pesquisas na sociologia sobre estruturas de poder, com ênfase no grupo dominante. Para Cannell; Messerschmidt (2013), a masculinidade hegemônica foi vista como um padrão de práticas e ações, e não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade. Isso parece ter permanecido pouco alterado ao longo das décadas, agravando a dominação dos homens sobre as mulheres e os outros homens não normativos ou com perfil hegemônico.

Através disso, segundo os autores, a masculinidade hegemônica se diferenciou de outras

masculinidades, especialmente das consideradas subalternas, ao se evidencia como a forma mais respeitada de ser homem. Isso cria uma pressão sobre aqueles que não se encaixam nesse padrão, levando-os a tentar se adaptar (SANTOS, 2016). Em termos ideológicos, essa dinâmica perpetua a subordinação das mulheres em relação aos homens e mesmo de ação sobre os outros homens que estão ajustado fora do padrão hegemônico. Vale considerar, segundo afirma Cannell; Messerschmidt (2013), que alguns homens, mesmo que não se comportem de maneira dominante, ainda recebem os benefícios históricos do patriarcado, fenômeno conhecido como "cumplicidade masculina". Além disso, a eficácia do conceito de hegemonia se deve, em parte, ao apoio de mulheres heterossexuais, que muitas vezes reforçam essas normas e estruturas de poder.

Outra questão importante a sinalizar a partir de Connell; Wood (2005), é que hegemonia não é tida como um ato de violência direta, apesar de ser sustentada pela força. Para Cannell; Messerschmidt (2013) seu significado está relacionado à ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão. Então, a pergunta que surge é: será que isso mudou? Estamos no século XXI, perto do fim de uma nova década, e era esperado que as coisas fossem diferentes e mais compreendidas. O recorte, *“pois, tenho bastante dificuldade em falar o que eu sinto e o que me incomoda.”*, enfatiza a forte pressão social que dificulta a expressão dos sentimentos, evidenciando que, mesmo com o passar do tempo, essa ação ruim se mantém viva, apesar das muitas vozes que contestam tal situação.

Buscando localizar o debate no passado, historicamente essas ideias foram consideradas abstratas e definidas pela lógica do sistema patriarcal de gênero. Assim, acreditou-se que as relações de gênero eram históricas e, portanto, poderiam sofrer mudanças. Nesse contexto, as masculinidades hegemônicas surgiram em situações específicas e estavam abertas a transformações ao longo do tempo, mesmo que o patriarcado tentasse naturalizá-la e enquadrá-la a um conjunto de expectativas. Com isso, poderiam ocorrer disputas por hegemonia, e formas antigas de masculinidade poderiam ser substituídas por novas, mas isso nem foi tão fácil como se possa pensar. Esse foi um ponto positivo em uma teoria que, de outra forma, era bastante sombria, tornando possível uma maneira de ser homem mais autêntica e menos opressiva, como parte de um processo que ajudaria a reduzir as hierarquias nas relações de gênero e assim chegamos ao nosso tempo com todas essas possibilidades de leituras.

Entretanto, o conceito de masculinidade hegemônica foi utilizado em análises que inclui padrões de resistência, disputas de poder e bullying entre meninos e tornou-se lesivo. Foram exploradas as relações com o currículo, a pedagogia neutra de gênero, como bem podemos vivenciar no último governo do país a país de 2018, promovendo e agindo sobre a escola e qualquer manifestação de debate sobre o tema. Tudo isso serve como um aparato para compreender as técnicas e identidades em grupos

de professores, como os instrutores de educação física, o ensino de biologia, dentro de uma escola que enquadra por si só. A tese também influenciou o conceito de criminologia. Os dados mostram que homens e meninos cometem os crimes mais convencionais e os mais graves, em comparação com mulheres e meninas (SANTOS et al. 2023). O quadro é alarmante quando falamos de auto violência e a eficiência em suicídio masculino em relação as tentativas entre mulheres (SANTOS, 2016)

Avançando, no compasso do tempo, os ideais de múltiplas masculinidades e de masculinidade hegemônica, foram cada vez mais utilizados para compreender os hábitos relacionados à saúde dos homens, como "jogar ferido" e atitudes que colocam sua saúde em risco (CANNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Assim, os conteúdos sobre masculinidade hegemônica que adentra a essas questões, contribuíram para a compreensão da exposição dos homens a situações de risco, assim como suas dificuldades em lidar com incapacidades e traumas. Tão fortes por um lado, tão frágeis por outro.

A noção de masculinidade hegemônica, segundo os autores, mostrou-se significativa também nos estudos institucionais, onde o caráter comum das burocracias e dos ambientes de trabalho foi cada vez mais reconhecido. Observações etnográficas e diálogos traçaram a institucionalização das masculinidades hegemônicas em contextos específicos e seu papel nos métodos organizacionais de tomada de decisões. Um foco comum dessas pesquisas feita Por Cannell; Messerschmidt (2013) foi a instituição militar, onde padrões específicos de masculinidade hegemônica costumam ser dominantes, mas têm se tornado cada vez mais controversos.

Ainda, uma coisa a se considerar, baseado nas argumentações dos autores é que Estudos internacionais validam fortemente a contestação inicial de que as ordens de gênero constroem masculinidades múltiplas. Santos (2016) mostra que, mesmo em países culturalmente homogêneos como o Chile, não existe uma masculinidade singular, uma vez que os padrões variam conforme classe e linhagem.

Em outro famoso país homogêneo, o Japão, Connell e Messerschmidt (2013), discutem a "emergência do cuidado das crianças" como um engrandecimento da masculinidade. Contudo, o conceito de masculinidade é criticado por estar enraizado em uma concepção heteronormativa de gênero, que reforça a oposição entre macho e fêmea, ignorando a desarmonia e a divergência dentro das categorias de gênero. À masculinidade é confiado a perpetuação da divisão entre sexo (biológico) e gênero (cultural), marginalizando ou naturalizando corpos diversos. Diante dessa problemática, Madlener e Dinis (2007) discutem sobre outras referências e buscas, no sentido de embates e direcionamentos. Para o autor e a autora:

Se deveria lutar pela derrubada dos atuais padrões sociais – família nuclear, burocratização das

relações, casamentos presos a cerimônias tradicionais etc. – e não simplesmente pela inserção da diversidade nesses padrões. [...] Destaforma, esperamos colaborar com uma discussão que vá além da mera lutapela união civil e/ou religiosa, e pela garantia de direitos que nos são impostos como necessários e corretos. Buscamos dar um passo além, mesmo que de forma inicial e teórica, para que todos/as possam recriar novas formas de existência (p. 59).

Pela descrição, a luta é para que seja possível um romper para com discursos que não vão além de normas e que interferem na composição das identidades, causando desconforto, dor e acomodações ruins de memória, como o relato inicial aqui apresentado bem descreve. Isso porque facilmente podemos observar que diversas estruturas de masculinidade que são identificadas, as quais têm impactos na vida do menino e no seu ambiente escolar, mesmo que muitos meninos não se encaixem exatamente nas categorias tradicionais; de fato, os meninos manifestam relações complexas de aceitação e rejeição a essas categorias. Esses valores são raramente questionados. Nisso, podemos destacar a seguinte citação: *“vejo que eles não falavam isso por mal ou porque queria me ofender de alguma forma, mas sim por terem sido criados nesse padrão e acabavam passando isso para frente”*.

Nesse contexto, embora atualmente seja comum a crítica de que o conceito de gênero adapta a heterossexualidade como padrão, essa ideia tem sido frequentemente contestada. Apesar de identificar corretamente um problema nos protótipos de gênero, não oferece um julgamento adequado sobre os modelos de gênero relacionais e as abordagens históricas que analisam a construção de gênero. Observa-se que, com o aumento do conceito de masculinidade hegemônica, as divisões entre os homens, principalmente a exclusão e a submissão dos homens homossexuais, têm sido questões centrais. A preservação da heterossexualidade tem sido um tema recorrente nos debates sobre masculinidade hegemônica, e essa questão tem chamado a atenção (CONNELL, 1995). Enquanto discussões teóricas, têm buscado a significação de uma “nova sociologia do corpo”. Nisso, é importante um conhecimento mais alargado do que é entendido de corpo, uma vez que o desafio é procurar o alcance do melhor que podem fazer de suas vidas em vários campos. Nesse sentido:

O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre a criança e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contrafeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos...Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: 'Fique nu, mas seja magro, bonito, bronzeado!' A cada movimento de um dos adversários corresponde o movimento do outro. É preciso aceitar o

indefinido da luta (FOUCAULT, 1996, p. 147).

Ao buscar entender o corpo de forma mais ampla, essa discussão ainda nos chama a um deslocamento para chamada "escola da governamentalidade". Aquela que investe e tem investimento para tornar os corpos dentro da norma, no campo da sexualidade, do gênero e adequá-los ao lugar do feminino e do masculino, obedecendo as genitálias que se tem ao nascer. Vale considerar que a escola como dispositivo de controle, não é diferente da família ou de outras instâncias sociais. A questão está na sua força, no tempo em que permanece na vida da criança, do adolescente, do jovem, moldando-o. Ajustando sua identidade ao que se espera.

Hall (2000) nos é auxiliar no entendimento dos conflitos que identidades não normativas têm vivido, o que corpos não ajustados a masculinidade hegemônica têm sido submetidos. Nesse caminho, Foucault (2007) é prodigo em nos sinalizar, de maneira profunda, as formas de governo, do Estado, dos outros e de si e os mecanismos de resistência de sujeitos e corpos quando se percebem incapazes de atender o que se espera deles e de suas identidades. O autor descreve tanto as técnicas e a tecnologias envolvidas para controlar o corpo, o gênero, assim como nos ensina como esses corpos podem se tornar transgressores, identidades que podem ir ocupando espaço. Vale considerar que estar fora da norma é ter um corpo adoecido, como a psiquiatria até o fim da primeira década do século XXI afirmava (SANTOS et al, 2023). Nisso, a saúde do corpo, dessa maneira, pode ser considerada um desafio da biologia escolar, do governo de Estado e de governo dos outros.

Entretanto, as primeiras críticas ao conceito levantaram a questão de quem efetivamente representa a masculinidade hegemônica. Vale salientar que é comum que muitos homens com grande poder social não incorporem as características tradicionalmente associadas a essa masculinidade, o que sugere que o poder social não implica conformidade aos estereótipos masculinos sinaliza Cannell; Messerschmidt (2013). No entanto, muitos homens identificados por pesquisadores como modelos hegemônicos não apresentam uma essência masculina clara. Os pesquisadores utilizam o caso dos surfistas como exemplo popular dessa forma de masculinidade, mostrando como essa imagem é complexa e, muitas vezes, contraditória.

Contudo, pra os autores, o status hegemônico da juventude masculina influencia seu comportamento, exigindo que se conformem a normas de masculinidade definidas por seu grupo social. Isso pode incluir atitudes arriscadas, como dirigir bêbado ou entrar em brigas, que são vistas como formas de afirmar sua masculinidade, salienta Cannell; Messerschmidt (2013). Outra questão a se considerar é que é necessário criticar o conceito por levar a interpretações incertas, algumas vezes referindo-se a um tipo contínuo de masculinidade e em outras, qualquer forma que seja dominante em

um determinado tempo e lugar, como aponta os autores. Da mesma forma, o conceito falha em especificar como a aceitação da masculinidade hegemônica realmente se manifesta na prática. Há uma confusão sobre quem é de fato um homem hegemonicamente masculino (SANTOS, 2016; SANTOS et al., 2019)

Em outros aspectos, a imprecisão nas definições de gênero pode ser reconhecida como uma ferramenta de hegemonia. Considerando que uma definição elaborada de masculinidade é constituída em um processo social e o recorte de fala já inserido permite essa consideração. Em um nível popular mais amplo (que chamaremos de “regional” a partir de agora), há uma circulação de modelos de conduta masculina deslumbrante, que são exaltados pelas igrejas, narrados pela mídia de massa ou celebrados pelo Estado. Esses modelos referem-se (mas também distorcem, em vários sentidos) às realidades triviais da prática social, porque o sujeito da vida real é frágil, e esse recorte nos permite considerar que ele pode ser frágil, sim, embora não demonstre o que o ajusta a uma identidade marcada por uma certa alienação.

Desse modo, as masculinidades hegemônicas podem ser construídas de forma que não refletem, de fato, a vida de nenhum homem real (CONNEL, 1995). Entretanto, esses modelos se manifestam, em vários sentidos, como ideais, fantasias e desejos amplamente distribuídos. Eles oferecem exemplos de relações com as mulheres e soluções para problemas nas relações de gênero. Ademais, eles se conectam com a constituição prática das masculinidades, como forma de viver as situações locais do cotidiano. Ao fazer isso, colaboram para a hegemonia na ordem de gênero. Não é surpreendente que homens funcionem como exemplos em níveis regionais padrões ajustados aqui, mas inadequados acolá.

Isso porque estão incluídos em ambientes sociais específicos, como em organizações formais. Retomando nosso recorte de fala, modelos hegemônicos de masculinidade, considerados socialmente legitimados, estão presentes em grupos familiares. Por exemplo, como os homens lidam com as responsabilidades de trabalho doméstico e a chamada “dupla jornada” das mulheres, tanto em casa quanto no emprego (CONNELL; WOOD, 2005). Esse é um bom exemplo desses papéis e suas configurações de um lugar, estado, país, ao outro. São padrões hegemônicos de masculinidade envolvidos e contestados, no decorrer da vida, construindo o poder masculino a partir das experiências das mulheres em vez de apenas se basear na subordinação vividas por elas (SANTOS, 2018). Assim, acredita-se que deve se distinguir entre o “patriarcado”, uma estrutura longa de subordinação das mulheres, e o “gênero”, um sistema específico de trocas que surgiu no contexto do capitalismo moderno. Santos et al. (2023) conectam isso a questões do cárcere de mulheres no nosso tempo. Mas também mostra-nos o alto índice de suicídio de jovens na atualidade, desencadeado pela

vulnerabilização do masculino não hegemônico de identidade sexual fora da norma (SANTOS, 2016).

5 CONCLUSÃO

Contudo, pode-se reforçar que o conceito de masculinidade hegemônica é baseado na prática, que permite a continuidade da dominação dos homens sobre as mulheres e sobre homens não normativos. Não é imprevisível que, em alguns contextos, a masculinidade hegemônica realmente se refira as práticas tóxicas dos homens sobre as mulheres, que, nesse contexto, podem ser facilmente percebidas e identificadas. Assim, gostaríamos de salientar que a violência e outras práticas abusivas nem sempre são características definidoras, uma vez que a hegemonia tem inúmeras definições. Para tal, reforçamos que uma das maneiras mais efetivas de “ser um homem” em certos contextos locais, pode ser a demonstração da distância em relação a masculinidade hegemônica regional e as mesmas não legitimadas. Conclusivamente, afirmamos que a masculinidade não representa um certo tipo de homem, mas sim uma maneira como os homens se posicionam através de práticas discursivas.

Isso porque a masculinidade hegemônica “enxerga” apenas a estrutura, tornando o sujeito invisível: o individual se perde no interior de um aparato ideológico ou de uma vontade inata de poder. O conceito falha em especificar como e por que alguns homens heterossexuais legitimam, reproduzem e exercem sua dominação, mesmo sendo uma minoria social em relação às mulheres e a outros homens. Nisso, concluímos que é preferível concentrar-se no discurso, nas formas pelas quais os homens conhecem a si mesmos para praticar o “trabalho de identidade”

AGRADECIMENTOS

Este texto trás os desdobramentos de uma disciplina obrigatória de um curso de licenciatura de biologia em uma Instituição de Ensino Superior Federal. É nos debates, no decorrer do semestre que alunos e alunas são chamados a adentrar nos estudos do campo pós estruturalistas e perceberem a importância de que o tal tema é indispensável para contribuir na formação de uma sociedade que reconheça a diferença e que pode melhor lidar com essas diferenças. Portanto, o agradecimento é a esses futuros professores e professoras que tem nos inspirado e trazido suas histórias e experiências pessoais na tecitura de uma disciplina que se faz pela fala e conhecimentos que trocamos a cada semestre, desde 2015.

REFERÊNCIAS

- BRITO, A. E. Narrativa escrita na interface com a pesquisa e a formação de professores: In: MORAES, D. Z.; LUGLI, R. S. G. O. (Org.). Docência, pesquisa e aprendizagem: (auto) biografias como espaços de formação/investigação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- BRUNER, Jerome. A cultura da educação. Porto Alegre. Artmed Editora, 2001.
- CASTEJON, M. Processos de subjetivação no discurso religioso de matriz africana em textos de jorge amado. UFSCar – tese de Doutorado – Programa de Pós graduação em Educação, 2023.
- CONNELL, R. W.; WOOD, J. “Globalization and Business Masculinities.” Men and Masculinities, v. 7, n. 4, p. 347364, 2005.
- COONNELL, R. Políticas da masculinidade. Educação & Realidade, v.20, n. 2. 1995.
- CONNELL, R. & MESSERSCHMIDT. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.
- FISCHER, R. M. B. (2021). Por uma escuta da Arte: ensaio sobre poéticas possíveis na pesquisa. Rev. Bras. Estud. Presença. vol.11 n° 1 Porto Alegre, 2021.
- FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise de discurso em educação. Cadernos de pesquisa. Porto Alegre. 2001.
- FOUCAULT, M. História da sexualidade volume I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal. 2007.
- FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola. 2011.
- ELLIS, C. The Ethnographic I: A Methodological Novel About Autoethnography. Walnut Creek: AltaMira Press, 2004.
- SANTOS, J. B. C. dos. Por uma teoria do Discurso Universitário Institucional. 2000. 330f. Tese (Doutorado em Linguística) – POSLIN/FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2000. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/lep/wp-content/uploads/2014/11/tese_joaobosco.pdf
- SANTOS, W. B. Adolescência heteronormativa masculina: entre a construção obrigatória e a desconstrução necessária. São Paulo: Editora Intermeios. 2016.
- SANTOS, W. B.; SANT’ANNA, T. F.; DIAS, W. F.; FALEIRO, W. O masculino e o feminino na escola: as contradições da norma e da forma discursivamente impostas. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.
- SANTOS, W. B.; SANT’ANNA, T.F.; MOTA, M. C.; FALEIRO, W. Suicídio universitário: uma questão de identidade ou de profissionalização. Goiânia: Kelps, 2019.
- SANTOS, W. B.; MOTA M. C. C.; CASTEJON, M.; OLIVEIRA, A. D. Mulher encarcerada: a dor inerente da condição feminina. Uberlândia: Editora Intermeios, 2023.